

O ocaso da Escola de Defesa Sul americana



Por **PEDRO GUEDES e BRUNO LIMA ROCHA***

Um fracasso planejado da integração regional em âmbito securitário

Existe uma polêmica, dilema de profundidade, debatendo qual o papel, quais os papéis das Forças Armadas na América Latina. Um conceito demonstrado nas décadas de '60 e '70 do século XX dizia que “nenhuma força reacionária é anti-imperialista”. No auge do realismo regional, a Guerra das Malvinas demonstrou cabalmente essa hipótese. Na América Central, havia dois caminhos. Um, mais formal, o Exército era transformado em Guarda Nacional operando como defesa interna, ou a manutenção da ordem. Outro, menos cínico, era Guarda Nacional de Somoza, da dinastia dos três somozas, varridos para o lixo com a Revolução Nicaraguense.

Outro problema grave é o nacionalismo, ou a falta deste, ou a noção do que seria um “nacionalismo latino-americano”. Nosso continente tem uma dimensão profunda, de povos originários, territórios resistentes de matrizes afro-americanas, lutas sem trégua de uma pobreza miscigenada e que a modernização não incorporou em definitivo. Por outro lado, nossos países têm, em maior ou menor grau - e o Brasil em elevadíssimo grau - uma noção de “nacionalismo” onde a nação não é o espelho do povo, dos povos dos brasis, mas sim um espelho retorcido de uma elite reacionária, patética, colonizada e submissa. É nojento mesmo, incluindo o alto escalão das forças armadas, cuja versão mais “sincera” é a nata dos milicos de Pinochet, que acabaram com a infraestrutura independente do país e o deixaram empobrecido e totalmente incorporado às redes transnacionais do eixo do Pacífico, capitais asiáticos incluídos.

No início deste século, quando da conjunção de governos social-democratas e nacional-desenvolvimentistas fomentados pela Venezuela chavista e Aliança Bolivariana (ALBA), nossos países experimentaram um momento superior de aproximação e conjunção. De novo, longe estávamos de formar exércitos populares, como o republicano liberal-radical que enfrentou a invasão gringa, a ditadura de Santa Anna, fizeram a Guerra da Reforma e expulsaram os invasores franceses, mas era um passo relevante, em especial para os estamentos que formam a espinha dorsal das instituições castrenses. Neste sentido e com todos os “senões” a Escola de Defesa Sul Americana (EDSA) foi um dos passos mais audaciosos de integração regional na área de Defesa e Segurança já realizados.

Sua criação adveio da necessidade de coordenar esforços de defesa em âmbito regional na América do Sul. É da lógica, se os Estados Maiores das forças armadas fomentam e insuflam competições regionais (como Brasil X Argentina; Chile X Argentina; Peru X Chile, Bolívia X Paraguai; Peru X Equador; Venezuela X Colômbia, Venezuela X República da Guiana), a mentalidade de competição no mesmo bloco continental chega a um nível de tensões como o já vivido na década de '70 (na disputa argentina e chilena), ou nos anos de '90 (com peruanos e equatorianos declarando guerra). Ainda que o subcontinente seja uma região considerada pacífica, se comparada com outras regiões do ponto de vista geopolítico, possui problemas e gargalos, como narcotráfico, políticas de modernização que não ensejem corridas armamentistas e a criação de políticas de segurança regional que se encaixem nas peculiaridades da região. Logo, se em última análise a Escola ampliasse visões anti-imperialistas deixando de priorizar as agendas securitárias do Comando Sul do Império dos EUA já significaria um considerável avanço.

A EDSA foi criada tendo estes problemas em mente. A princípio, este órgão seria o espaço onde militares dos países membros completariam seus estudos, objetivando responder a essas questões, com o mínimo de ingerência ou doutrinação de países externos à realidade e especificidades da América do Sul^[1]. Ainda, esta Escola Militar serviria como fórum de

a terra é redonda

discussão de políticas conjuntas de defesa entre os países membros, dentro do âmbito do Conselho de Defesa da UNASUL (Consejo de Defensa Suramericano em espanhol, sigla: CDS)^[2]. Logo, em se mantendo a União das Nações do Sul e garantindo a coexistência da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA) e a projeção maior, a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), a Escola seria uma anti-Escola das Américas, um intento de contrapor a permanente influência dos gringos e potências com tradição imperialista nas fileiras de oficiais das forças armadas de nosso Continente. É importante compreender que quanto mais integradas, menor o risco de cair em manipulações da CIA, DEA, FBI, NSA e outras ingerências clássicas dos Estados Unidos em nossas sociedades.

Como explicamos acima, mesmo que sem maiores conflitos desde a Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870^[3], a América do Sul experimentou uma série de conflitos militares ao longo do Século XX. Ainda que a maioria destas conflagrações seja de caráter fronteiriço, como a Guerra do Chaco, de 1932 a 1935 e mais recentemente a Guerra de Cenepa, de 1995^[4], houve ainda um enfrentamento armado envolvendo um país sul americano ante uma potência imperialista europeia. Esse conflito, ocorrido entre abril e junho de 1982, foi a Guerra das Malvinas/Falklands, opondo a Argentina ao Reino Unido^[5]. Pela lógica da UNASUL-ALBA-CELAC, um conflito como o das Malvinas não seria deflagrado sem o aval dos demais países membros e menos ainda toleraríamos mais ditaduras militares como a Junta Militar que promovera um genocídio contra a própria população.

Somadas a essas experiências, o narcotráfico nos anos 90 mostrou-se um problema complexo e quase insuperável para os países da região, culminando na intervenção estadunidense na Colômbia nos anos 90^[6], por meio de seu plano de suporte e equipamento ao governo local. Ainda temos relacionado a esse problema, a falência do estado peruano, na mesma década, acossado pelo auto golpe dado pelo presidente Fujimori^[7]. A dinâmica securitária imposta pelo Plano Colômbia é muito preocupante; a intenção dos gringos era a de inversão de envio de recursos - do varejo do tráfico para o país dos carteis de Medellín, Cali e Norte do Valle; para empréstimos dos gringos que alteram a lógica da soberania nacional colombiana. Logo, um trabalho coordenado entre agências latino-americanas sem passar pelo comando e a “colaboração” das agências imperialistas seria um triunfo no sentido de maior autonomia e menos dependência.

A partir desse panorama, agravado pelo escândalo da espionagem realizada pela NSA (National Security Agency), em 2013, a diplomacia brasileira trabalhou para que a União de Nações Sul Americanas (UNASUL) incorporasse em seu conjunto de objetivos, cuidar da formação dos quadros militares do alto oficialato dos países membros^[8]. Como resultado, foi criada a EDSA, dentro do guarda chuva organizacional do Conselho de Defesa da UNASUL, em 2015^[9]. Como é observável, a Escola durou pouco e chegou tarde, já na virada da correlação de forças, com a social-democracia perdendo espaço no Brasil e na Argentina e com a eleição do Equador se aproximando da traição que adveio.

Em termos de articulação diplomática, o Itamaraty operou bem. A fim de evitar críticas de busca pela hegemonia dentro da UNASUL, o que afastaria a maior parte dos membros do órgão, e como prova de boa fé, o Brasil apoiou a escolha da cidade de Quito, no Equador para ser a sede de ambos o Conselho de Defesa e da Escola de Defesa Sul americana^[10]. Para o Brasil, a EDSA teria como finalidade, além dos objetivos citados, permitir uma instrução “limpa” de seus oficiais de alta graduação (de majores até generais).

Limpa de influências organizacionais, políticas e “ideológicas” que advém em grande medida dos estudos realizados por esses oficiais em lugares como a Escola Superior de Guerra, local marcadamente afeito a ideias de submissão geoestratégica e ideológica aos EUA^[11]. Como resultado do comportamento anti-integracional das Forças Armadas Brasileiras, que enxergavam (e enxergam) com desdém e hostilidade a UNASUL e seus órgãos de defesa (CDS e EDSA), aliado a uma fobia exagerada a políticas consideradas “bolivarianas”, teceram pesadas e infundadas críticas à EDSA e a UNASUL como um todo^[12]. Enquanto avançava a passo de ganso a conspiração da alta cúpula militar rumo às ameaças de golpe pelo Twitter e cresciam tanto a “nova direita” como a “extrema direita”, a diplomacia brasileira corria em paralelo no sentido da EDSA. Faltou inteligência no governo que estava por ser deposto.

Após o golpe com apelido de impeachment de Dilma Rousseff (politicamente orquestrado, com base jurídica frágil) em abril de 2016, o país iniciou um processo de afastamento e desidratação das organizações da UNASUL, afetando inclusive, a

a terra é redonda

EDSA^[13]. Em abril de 2019, o Brasil, juntamente com Argentina, Colômbia, Equador se retiraram definitivamente da organização sul-americana, marcando o fracasso do processo de integração e transformando a UNASUL em um diminuto bloco, contendo hoje a Venezuela, Suriname e Guiana, com o Peru tendo suspenso sua participação e a Bolívia tendo iniciado as tratativas de saída em novembro do mesmo ano^[14].

O abandono da EDSA pelo Brasil e outros dos antigos membros da UNASUL relegou a Escola Militar Sul-americana a um ostracismo institucional gigantesco. Hoje, há apenas um curso ministrado pela Escola Superior de Guerra, datado de 2017^[15]. Sem informações de atualização curricular ou se ainda é ministrado^[16]. Ainda, o site oficial da EDSA não funciona, o que contrasta com o abandono dessa entidade pelos ex e atuais membros^[17].

Com o estabelecimento de parcerias de Colômbia e Brasil com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 2018 e 2019^[18,19] respectivamente, o continente caminha para um maior afastamento dos mecanismos de integração regional, seja politicamente ou em defesa e segurança. A escolha das elites políticas e militares sul americanas por uma organização militar internacional tendo no próprio continente mecanismos semelhantes, com o bônus de não contar com a imposição neocolonial de uma liderança estrangeira, demonstra que a independência em âmbito internacional não é uma prioridade.

Novamente o componente “ideológico” - o da subserviência e não o da independência e autonomia -, somado aos distúrbios políticos causados por grupos e partidos alinhados a direita e extrema direita política em Brasil (a partir de 2015) e Bolívia (com o golpe de 2019), alinhados com governos convenientes com o desmonte das políticas de integração, como na Argentina (Governo Macri) e Colômbia (sucessivamente desde o Plano Colômbia, mas com ênfase após o governo do paramilitar e narcotraficante Álvaro Uribe Vélez e seus herdeiros políticos) solaparam mais uma vez os esforços políticos pela integração e a construção de um ambiente securitário mais propenso à integração latino-americana, o anti-imperialismo e autodeterminação de nossos países.

Definitivamente é o momento para que de uma vez por todas o conjunto das esquerdas deste Continente compreenda que não há “neutralidade” no tema das forças armadas e não basta deixá-las intactas como fizemos no Brasil por 30 anos de democracia liberal. A tradição castrense em nossos países é, majoritariamente, colonialista, pós-colonial e submissa. O complexo de vira-latas, comandando regimentos e organizações militares, é sempre danoso e como tal deve ser rechaçado. Como sabemos em nosso próprio território, é absurda a ideia de que as forças de Caxias, Eduardo Gomes e Tamandaré vão defender a soberania popular em Palmares e Pindorama. Como nos ensina José Gervasio Artigas, general de homens e mulheres livres, “somente podemos contar com nós mesmos”.

**Pedro Guedes é internacionalista e graduando em direito.*

**Bruno Lima Rocha é militante socialista libertário e editor dos canais do Estratégia & Análise, a análise política para a esquerda mais à esquerda.*

Bibliografia:

- 1: <https://cienciapolitica.org.br/index.php/system/files/documentos/eventos/2017/04/conselho-defesa-sul-americano-cds-balanco-e-perspectivas-714.pdf> pág.09.
- 2: <https://nuso.org/articulo/o-brasil-e-a-criacao-do-conselho-de-defesa-sul-americano-uma-convergencia-de-vantagens/>
- 3: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-foram-as-principais-guerras-entre-paises-da-america-do-sul/>
- 4: <https://noticias.r7.com/internacional/ultimo-confronto-militar-entre-sul-americanos-foi-ha-24-anos-23022019>
- 5: <https://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-guerra-das-malvinas>
- 6: <https://diplomatie.org.br/nas-fronteiras-do-plano-colombia/>
- 7: http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_07abr1992.htm

8: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150417_escola_defesa_unasul_mc

9: https://www.congresso2019.fomerco.com.br/resources/anais/9/fomerco2019/1568848319_ARQUIVO_548dd6afcd1e9e726d05136f23fbd025.pdf

10:

<https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/07-06-2013-defesa-brasil-apoia-proposta-de-criacao-da-escola-de-defesa-sul-americana-diz-amorim>

11: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,escola-de-defesa-sul-americana,1721200>

12:

13: <https://gedes-unesp.org/suspensao-da-participacao-na-unasul-reflexos-sobre-a-seguranca-e-a-defesa-regional/>

14: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-04/brasil-formaliza-saida-da-unasul-para-integrar-prosul>

15: <https://www.esg.br/cursos-regulares/cad-sul>

16: <https://www.esg.br/cursos-regulares/cad-sul>

17: <http://www.unasursg.org/es/consejo-defensa-suramericano-unasur/>

18: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-08/estados-unidos-designam-oficialmente-brasil-como-aliado-extra-otan>

19: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/05/colombia-e-aceita-na-otan-e-se-torna-o-1o-pais-da-america-latina-na-alianca.shtml>